

Editor)

P. E. SALGUEIRO

ASSINATURAS

Ano ..... 65 cent.  
Semestre ..... 32  
Trimestre ..... 18

(PAGAMENTO AVANÇADO)

AVULSO, 1 CENTAVO

# O Viroscas

(Ridendo castigat mores)

SEMANARIO IMPARCIAL COM PRETENSÕES A HUMORISTICO

Proprietário, director e administrador: — ARNALDO JULIO MARTINS

Redacção e administração: — Rua da Avenida, n.º 6

Composição e impressão: Tipografia Caldense de José da Silva Dias — CALDAS DA RAINHA

PUBLICAÇÕES

Anunciam-se todas as publica-  
ções de que se receba um  
exemplar

Accepta-se toda a colaboração, desde  
que não lura a nota politica nem  
ofenda susceptibilidades não se de-  
volvendo porém os originaes a não  
que não sejam publicados

## DESABAFOS

A orientação que este semanario segue, aliás digna de louvor, em se não meter em politica, causa serios embaraços, a quem, como nós, temos que escrever todas as semanas o chamado artigo de fundo.

A desorientação que vemos nos espiritos, principalmente na actual politica, dá-nos vontade de dizermos verdades amargas, e mostrar-lhes quanto estão a comprometer tudo isto, mas lembra-nos logo que *O Viroscas* nada tem com isso e a nossa pena emperra logo o papel. E, francamente, custa muito, pois somos, patriotas, amamos o nosso pais como ele merece ser amado.

E aqui nós encontramos, amigo leitor, ou talvez inimigo, sem saber que assunto devemos escolher! São uns momentos enervados! Falar da guerra? Que poderemos nós dizer de verdade, por enquanto, se todos contam as coisas a seu favor? De Angola, isto já dava assunto politico. Sobre o Natal? Já o nosso colega de redacção Miguel da Ponte e outros colaboradores falam hoje!

Francamente, francamente, que devemos escolher? Ah! agora nós lembramos... quando a semana passada fomos a Lisboa, fomos a S. Carlos, ver a comedia *A bela aventura*; a tradução do sr. Paulo Osório é infeliz e a comedia pertence ao numero dessas insignificancias do teatro francez que está numa perfeita decadencia. Mas o que nos fez mais impressão foi ter visto o teatro ás moscas!

E segundo nos disse um empregado é rara a noite que não está assim! O teatro desta forma faz a impressão dum pombal; sente-se frio, os actores representam mal; tambem, para as cadeiras, não vale a pena estarem a cançar-se!

O que vale a pena, e isso aconselhamos aos caldenses é juntarem massa e irem ao *Polytama*, verem a *Aura Abranches* na peça *A Garota*.

Trabalho admiravel, como ha muito tempo não aparece nos nossos palcos! Todas as noites o teatro está *d'cunha*; aplausos, ovações espontaneas e justas. Agora só nos resta dar-lhes, amigos leitores, as boas festas, e até á proxima semana.

## Recordação duma noite de Natal

Era eu pequenina. Foi longa, muito longe daqui, numa terra onde se erguem frondosos os castanheiros e sobreiros.

Fazia um frio intenso! O vento soprava gemebundo e rijo e perpassando sussurrante pelas quebradas dos montes, lá ia de fraga em fraga, até ir perder-se num solgo brando, por entre os olivais extensos.

A neve, quais pedacitos de algodão que os anjos deslissassem sobre a terra, ceia em alvacentos flocos cobrindo os pincares da nossa serra, duma imensa toalha branca.

Era noite festiva de Natal!

Na lareira baixa duma casa modesta mas muito limpa, ardia um bom lume cuja chama viva subindo em espiral, ia pôr fulgurações de ametista e ouro, nos utensilios de cobre, metilculosamente areados.

Uma criança sentada sobre os joelhos do pai, estendia para o lume as mãos frias e sempre curiosa perguntava: para que se fez hoje este lume tão grande?

— Para aquecer o Menino Jesus, minha filha, que vem enregeladinho, numa noite tão fria, responder a carinhosa mãe!

E a criança ouvindo distraida um conto de raposa e lobo que o pai contava para a entreter, seguia com o olhar atento, os movimentos que a mãe fazia, pondo a mesa para a consoada.

Sobre uma toalha muito branca, tão branca como a neve que cobria a serra, ela depoz o tumegante assado, ovos, e as tradicionais filhós.

E ali, na santa paz da familia, no doce conchego daquele lar abençoado, os dois esposos com a filhinha sentada entre eles, comiam e sorriam a olhar em-se amorosamente; ouvindo lá fora o soluçar do vento e o repicar alegre dos sinos, tangendo argenteos na alta torre, da vetusta Sé.

Oh! que benditas noites de Natal, aquelas!

Para elas vou o meu pensamento, levado nas azas duma saudade imensa!

Terminada a ceia, e ao ouvir na torre o compassado som do bater da meia noite e um mais prolongado repicar de sinos, a criança interrogou: é agora minha mãe que o Menino nasce?

Sim, minha filha, e daqui a pouco, Elle vem mesmo núsinho, sem tener o frio e a neve que cai, visitar as meninas obedientes e boas, e a cada uma deixa uma linda oferta!

A criança abriu muito os olhos como a certificar-se de que ainda estava acordada e não era sonho o que acabava de ouvir, e quando poute depois a deitarem na sua caminha branca, ella nutria a esperança de que o Menino Jesus a visitaria, trazendo-lhe uma linda prenda.

Mas que seria? Ah! que se fosse uma boneca, como ella ficaria contente!

Sim, uma boneca era o que ella desejava mais.

No outro dia, ia o sol ja alto quando a criança despertou, e sentando-se na cama, notou logo um movimento desusado em casa; idas e

vindas de pessoas estranhas, passos cautelosos para evitar ruido; então chamou o pai e perguntou-lhe enrigada: veio cá o Menino Jesus á nossa casa, meu pai? E que me trouxe Elle?

O pai tomou-a nos braços e com o olhar brilhante por uma suprema ventura diz-lhe: vem comigo, vem ver o que Elle te trouxe; e depondo-a sobre a cama onde repousava a mãe, apontou-lhe ao lado um pequenino lume.

A criança num movimento rapido de curiosidade, alustou as roupas; e ante um pequenino rosto rosado, uns olhos escuros que a fitavam ficou deslumbrada; e juntando as mãos ficou como numa prece, murmurou: oh! que linda!... que linda é a boneca que o Menino Jesus me trouxe!

E estendendo-se brandamente junto da irmãinha puxou-lhe num gesto adoravel, a cabeçinha para junto do peito dela; e por muito tempo, julgou ter sido ella a criança mais generosamente prendada pelo Menino Jesus, porque em vez duma boneca muda de cera, no gesso, ella possuia uma que sabia sorrir e brincar, pronunciando o seu nome:

Hermengarda

## Ao romper da aurora

Vai a aurora em seu carro de ar sulcando,  
Aniquilando o horror á treva escura  
Dardejando aureos raios de luz pura,  
Toda a face da terra ao céu mostrando.

Ja mege a natura respirando  
Suas galas ostenta e formosura;  
Vendo a aurora a sorrir tudo fulgura,  
E vai sentindo amor, amor cantando!

Saem do ninho as aves melindrosas  
Desmandado dos bosques a ramagem,  
E de puro verdor selvagens frondosas!

Tudo corre a gosar a meiga aragem,  
O perfume a aspirar de rubras rosas,  
E a roncar como um porco este selvagem!

Amadora, 20/12/914. L. Ramos

## O proximo numero do «Viroscas»

Será extraordinario, de 6 paginas,  
com colaboração escolhida e vender-  
se-á ao preço usual de 1 centavo.

## O nosso livro

Todas as nações estão publicando os seus  
livros, cada um de sua cor.

Se Portugal publicar tambem o seu livro,  
de que cor será?

Quer-nos parecer que deve ser roxo, visto  
ser o roxo o predileto da maioria dos portu-  
gueses!

## Todo o ano

Estamos na época dos perús. Mas só dos  
perús porque as perús não têm época deter-  
minada.

Ha-as todo o ano, e sempre com fartura.

## DE RASPÃO

## Recordações

Já lá vão os seus trinta e tantos anos e ainda hoje me recordo com imensa saudade. Era eu petiz, e um parente meu pediu a meus pais para ir passar o Natal à quinta d'ele próximo da aldeia de... Quando minha mãe leu a meu pai a carta fiquei doido de contente, passar o Natal na quinta era o melhor manjar que me podia dar.

Logo de manhã no dia da partida, minha mãe vestiu-me com o meu melhor fato e quando mal rompia o sol, a carruagem poz-se a caminho. Já pela viagem, umas vinte leguas bem puxadas, contaram-me muitas historias proprias do tempo, os sonhos dos pastores, a partida dos três reis Magos, o presepio, enfim: mil historias, das quais a minha atenção de criança não se desviava um minuto. A paisagem com todos os seus maravilhosos encantos passava quasi sem eu olhar para ella, pois o meu fim unico era chegar à quinta e correr logo a ver as galinhas, os perus, os coelhos, meus amigos mais intimos.

Já na curva da estrada se avistava o portão de ferro, a casa, os pomares, o olival e o rio que em zig-zagues regava parte da quinta.

A chegada foi quasi a dum príncipe, andei de colo em colo, fui beijado, abraçado, emfim o menino bonito de toda aquella gente, bons corações de lei! Era eu o que brincavam, pois todos brincavam para me serem agradáveis.

Quando à noite me levaram à missa do galo, e que ouvi o órgão tocar e a gente do povo a cantar toda cheia de unção, senti na minha alma de criança, uma impressão que nunca mais se apagou! Ficou bem gravada no meu coração e jamais desaparecerá.

Todas as vezes que ainda hoje entro na capela, transporto-me aos meus tempos de criança e ainda tenho a illusão que ouço a voz do padre Lima, belo coração a dizer-me: *este rapazote hade ser um bom rapaz e um austero sacerdote*. Na primeira parte não se enganou, desculpem a falta de modestia, emquanto à segunda nunca me senti como feitiço...

MIGUEL DA PONTE

## Nos "teatros," da guerra

Cartas do nosso correspondente especialissimo João Toscatudo

## 1.ª CARTA — NO ORIENTAL

*Câmêso* — *Dia de chuva à hora do rancho*. — Cheguei aqui ha perto dum mês e só hoje posso dar algumas noticias sobre os sensacionalissimos espectaculos a que tenho assistido. Não fazem mesmo uma pequenina idéa das enchentes enormes que tem havido. Tanto assim que não conseguí arranjar senão um bilhete de geral, não só porque os lugares melhores estão todos tomados pelos meus colegas da imprensa de grande informação de todo o mundo, mas também e principalmente, porque tenho os fundos muito em baixo e por isso não me posso meter em cavalarias altas.

Más vamos ao que interessa. No primeiro espectáculo a que assisti, representava-se a grande tragedia «A Batalha dos Carrapatos» ou: «Os Russos dando uma descaas aos alemães e austriacos». Foi um espectáculo imponente. Os russos avançando occultos por grandes montes de carrapatos, fazem uma sortida ao inimigo e matam uns, aprisionam outros; desbaratam tudo. Mas, coisa singular, os alemães não matam nem prendem, ficam sempre de peor partido. O que eu não consigo explicar é como os alemães se reproduzem com tanta rapidez. Tão depressa morrem 10:000, surgem logo 20:000 e assim successivamente desde que a guerra começou. O que é facto é que no final do espectáculo os russos tinham ganho a

batalha e comido ao rancho os carrapatos guisados.

Como o espectáculo era por sessões deixei-me ficar e pude então assistir à imponente peça «A Vitoria do Martha» ou «Os alemães outra vez encravados». Nesta peça os russos continuam a chegar a roupa ao pélo aos alemães, como sempre; nem podia ser o contrario, pois que estamos no teatro, e em teatro tudo é convencional. São aprisionados 99:999 alemães e muitos canhões d'alto calibre — e enfião na Alemanha ha cada canhão — e terminou o espectáculo com a lindissima e aparatosa apoteose — que mete num chinelo todas as apoteoses de quantos Pinás e Silvadores possam haver — «O grande combate de Vaesóva» em que a tropa alemã e cortada e desfeita (sem grão) ouvindo-se grandes aclamações ao Czar de todas as Russias e mais, thm. Do teatro oriental é o que por agora posso dizer. Amanhã vou passar-me no meu «Zepelin» para a outra banda; não pira Caclhã, mas para o teatro occidental que é onde representam os aliados e logo que possa darei noticias do que veja de mais sensacional.

João Toscatudo

## 2.ª CARTA — AINDA NO THEATRO ORIENTAL

*Câmêso* — *No mesmo dia à hora do rancho*. — Na minha primeira carta esqueceu-me dizer que o cenário é lindissimo, parece mesmo natural, e o guarda-roupa é superior aos que fornece o costumier Castelo Branco para as revistas que se representam nos theatros de Lisboa, que ao pé destes se podem comparar a réles barracas de feira, tanto no tamanho como nos elencos. Disse na minha carta precedente que o titulo da segunda peça era «A Vitoria do Martha» mas foi engano meu, é «A vitoria do Wartha», o que não é a mesma coisa comquanto seja parecido.

Tambem já posso dizer porque é que os alemães nunca acabam, por mais que os russos prendam e matem. E' porque eles não morrem nem são presos, é tudo a fingir. Não me lembrava que estava no teatro e daí a minha duvida. Agora que me explicaram como eles fazem a coisa é que me lembro que na «Causa Celebre» que foi aí representada pela companhia do Constantino, tambem havia um regimento que parecia muito grande e afinal não eram mais que meia duzia de rapazes que andavam à roda. Os alemães tambem andam à roda, entram presos por um lado e saem livres pelo outro e por isso nunca se acabam. Agora vou dormir, que estou com uma camada de sono que nem me posso lambear.

João Toscatudo

## Rebate falso

Temos que dar a mão a palmatoria! Já o nosso ultimo numero estava na maquina quando soubemos que não tinha fundamento algum o que diziamos num *suelto* sobre a iluminação da Praça da Republica. Não passou, afinal, duma *gracinha tola e de mau gosto*, da parte de quem nos deu a informação. Como isso nos fosse dito quando o jornal estava já a paginar, não tivemos tempo para nos informarmos devidamente e vai daí saiu *bota*. E' verdade que se nos afigurou absurdo que essa ordem tivesse sido dada, mas, tem-se visto tanta coisa neste mundo...

Que nos desculpem os nossos leitores e principalmente as pessoas que poderiam ser tidas como autoras d'esse contracenso e nós faremos a diligencia para que tal se não repita.

## Um concurso

Damos uma caixinha de bombons de chocolate a quem for capaz de nos dizer qual era o par mais elegante que estava na segunda-feira no baile dos caixeiros.

## Pobres Perú

Na «Festa do Natal», nossos corações encham-se de jubilo e os nossos estômagos se dispõem para ingerir os alimentos variados do «Natal»!...

Os pobres perús, que até agora tinham gozado as delicias e o ar puro do campo, livres e felizes, sem se preocuparem com as discussões descaizadas de S. Bento e com a lei de associações, e pelo respeito da tradição, veem arrebanhados em pelotões até á cidade de marmore e de granito, e todos contentes, orgulhosos e empavesados, supondo fazerem uma viagem de recreio, dão uma volta á praça da Figueira, giram em roda da memoria de D. Pedro IV, e vão postar-se no Largo de S. Domingos, onde tem um reduzido espaço para albergue inferno e onde vamos procurar a vitima.

Uma vez em nosso poder, levamo-la, enganada, ao nosso domicilio e ai lhe dispensamos afagos e caricias, hipócritas, proporcionando-lhe bons alimentos e observando com criminosa satisfação o seu desenvolvimento.

Pobres perús!...

Nesta época do ano, o nosso odio ceva-se nos infelizes perús sacrificando-os aos nossos appetites e cometendo com elles verdadeiras atrocidades.

Chegado o dia do sacrificio, quando o animal lhe parece estar senhor do campo e se vai habituando aos tocos da casa, apanhamo-lo subitamente, e com uma faca bem afiada na borda de um alguidar, cortamos-lhe o pescoço, com o maior sangue frio, vendo como o seu, ainda quente, corre em borbotões do seu corpo quasi inanimado.

Na morte do perú existem as agravantes da premeditação, alevosia, insanias, sem contar com a de «noturnidade», na maioria dos casos!...

Este fica depenado em poucos momentos e não contentes com esta façanha, tiramos-lhe as entranhas e recheamos a cãverna com azeitonas, salchichas, presunto, manteiga, salsa, pimenta, e muitas outras iguarias e temperos.

Ultimados todos os detalhes que o nosso perverso instinto nos sugere, metemos o perú num forno e dali não o tiramos sem que esteja bem coradinho!

A nossa satisfação sóbe aos pincaros do entusiasmo quando o corpo exãtime da nossa vitima se apresenta a nossos olhos, sobre a mesa, na tradicional «Festa do Natal». Ali acabamos por mutilar o infeliz e distribuímos os seus membros com verdadeira fruicão.

Porém, não pára ainda aqui!...

Ha uma coisa mais, que dá uma completa idéa da nossa cruel insanias; é que, se naquelle dia, mais que satisfeitos, deixamos alguns restos, não escãpam á nossa voracidade, que os reservamos para o dia seguinte, em que misturamos arroz, e desaparecem para sempre, não deixando nenhum vestigio daquele desgraçado animal, que veiu ao mercado da cidade, sereno, paciente, sem suspeitar do triste fim que o esperava.

Devemos convir que a humanidade é cruel. Chamamos feras aos animais que devoram os homens e não temos um qualificativo duro, acre, para os homens que comem os animais com a maior naturalidade do mundo.

E ainda repetimos! a façanha no dia de «Ano Novo».

O perú, morreu, dizemos, no dia da «Festa do Natal»!

Viva o perú, exclamamos, ao contemplar a vitima que havemos de imolar, no Primeiro de Janeiro!...

Nesta sangrenta luta entre o homem e o perú, que se desenvolve fatal e anualmente, nestes dias, cometem-se alguns fraticidios, pois ninguém pode negar que andam, por ai

soltos, muitos *perús* com figura humana, que também celebram a «Festa do Natal», esquarterando os seus semelhantes.

Ha certos cavalheiros, com o peito adornado de condecorações; senhores com pretensões infundadas, que sacrificam cada ano, três ou mais *perús*, os quais com o grasnido que lançam ao receber o golpe mortal, dirigem o seu terrível olhar ao seu assassino, como perguntando-lhe: «Que fizeste, Caim?»

Nem todo o mundo pode gozar o luxo de sacrificar os *perús*, pois que concorrem também ao mercado o altivo galo e o resignado capão. Este, convencido de que a sua missão no mundo, é relativamente insignificante e que dele não depende o desenvolvimento da sua raça, vai para o sacrifício como um estoico. O galo, pelo contrario, revolta-se contra a vontade do homem que traidoramente o arrebatou ao carinho de suas amáveis galinhas. Debate-se, revolta-se, luta, por fim, perece na hecatombe do mundo empenado!

Emfim, inspirei-me compaixão as tristes aves que, agachadas em seus lugares no mercado, olham perplexas para os seus compradores, cujas avessas intenções não compreendem. Ali estão no oratório, sem esperança de indulto. O estomago aferrado ás tradições gastronómicas, é um rei absoluto, que não tisa da sua regia prerogativa em favor dos *perús*...

Decididamente não podem subtrair-se á sua cruel condição pois que o seu reinado passou á historia e ao chegar a «Pascoa» que reclama em altos brados o seu tributo, os infelizes têm de passar por uma morte prosaica, sendo guilhotinados por um bustronómo, em vez de gozarem o ar puro e as delicias do campo, livres e felizes.

Pobres *Perús*!

S. Heitor  
actor

## Scipião Heitor

ACTOR

Dá as *Boas-Festas* a todos os seus amigos que o coadjuvaram e lhe dedicaram a sua simpatia, durante a sua estada nesta vila, oferecendo o seu limitado prestimo em

Vila Franca de Xira

R. 5 de Outubro, 115-1.º D.

## Porque seria?

Houve muito quem notasse grande ausencia de damas no baile de segunda-feira.

Quer-nos parecer que sabemos a razão porque muitas lá não foram!

Mas não dizemos, para não ficarem sabendo tanto como nós!

Talvez quizessem!

## Até choram!

O assucar subiu outra vez de preço e já se diz que vem a acabar.

Se assim for, adeus bolos, adeus catés, adeus doces!

Os gulosos até se arrepelem todos!

## Deve ser isso

Lemos algures que:

Em Paris o numero de mulheres excede em mais de duzentos mil o dos homens.

Isto era antes da guerra, o que será agora. Por isso ha por aí tanto homem, com vontade de ir para França. Naturalmente o que lá falta, sobeja cá em Portugal!

## UMA QUADRA

Se os beijos puzessem nodosa,  
Como estaria o teu rosto?  
Mas os beijinhos não sujam,  
Se forem dados com gosto.

## PARA RIR

Num exercicio de recrutas:

—Atenção, grita o sargento, levantar a perna... o pé esquerdo para a frente!

A manobra foi, em geral, bem executada, excepto por um lorpa que levantou o pé direito.

—Com mil bombas! gritou então o sargento, vendo duas pernas juntas. — Quem foi aí o bruto que levantou as duas pernas ao mesmo tempo?...

Na *soirée* de madame Bernabé, dama da nossa sociedade, tão pretenciosa como pouco inteligente, foi apresentado um rapaz, recém-vindo de uma escola estrangeira, onde estivera fazendo a sua educação.

—O meu amigo, sr. Fuiano de tal,—disse o apresentante,—filho do antigo ministro de estado sr. Fuiano.

—É espantoso!—observou a dama. Tão novo e já filho dum ministro!...

—Mora aqui ó sr. Carneiro?

—Quem mora aqui, ha muitos anos é o sr. Cordeiro!

—Pois é esse mesmo que eu procuro. Ou o senhor julgava que ele havia de ser Cordeiro toda a vida?...

## Falta de sorte

O prestidigitador que se apresentou outro dia no baile dos caixeiros esteve com pouca sorte. Principalmente na ultima sorte em que não teve a sorte de ver o sacco cheio de dinheiro. Foi uma questão de sorte! Podia ter a sorte de no menos naquele sorte ter tido mais sorte! Mas nem isso.

## Diversões

### Soirée dançante

Esteve bastante animada a *soirée* realizada na segunda-feira ultima nas salas da Associação dos Caixeiros. Para o proximo dia 1 de Janeiro está-se organisando outra *soirée* dançante promovida pela direcção cujo mandato termina em 31 do corrente.

### Grupo Dramatico Operario

Este grupo está ensaiando com toda a actividade uma comedia, um drama e um acto de *foliés*, para uma récita que em breve se realisará no Teatro Pinheiro Chagas e em que se estreiarão três gentis amadoras.

### Grupo Dramatico do Bombarral

Este bem organizado grupo dramático, vem na proxima segunda-feira, 4 de Janeiro, a esta vila, dar uma récita no Teatro Pinheiro Chagas, subindo á scena, entre outras coisas a engraçadissima comedia em 3 actos «Expedientes de sogra».

No proximo numero, publicaremos o programa completo deste espectáculo.

### Salão Central

(Convalescença)

Continuam bastante concorridos os espectáculos neste magnifico salão.

Amanhã realisase o beneficio do operador desta casa de espectáculos, com um programa grandioso, de que faz parte a fita de grande successo em 4 partes com 3.500 metros «O Absintho».

### Cinematografo High-life

(Rua de Cambões)

Neste elegante salão realisase hoje o beneficio do exímio artista Sr. Vergara, que apresentará pela primeira vez ao publico das Cidades as originaes experiencias *chimo-japonezas* e outros trabalhos de prestidigitação e suggestão.

Abrilhanará o espectáculo o sexteto de que é exímio regente o sr. João Baptista Rodrigues.

## Aviso aos nossos colaboradores

Recomendamos aos nossos presados colaboradores que não se esqueçam de adicionar a estampilha de assistencia nas suas correspondencias para o proximo numero, tanto mais sendo esse numero extraordinario é indispensavel que cá estejam todos os originaes *invalivelmente* na quarta feira, sem o que, não poderão ser publicados.

## Correio... sem estampilha

Horacio Stripi — Só cá tinhamos um artigo seu, que não foi publicado no ultimo numero por falta de espaço. Agora diz que manda dois mas só encontrámos um que vem neste numero. Por cá todos bem e recomendam-se.

Agatha R. Sanchez.—Então arrependeu-se? Parece. Nunca mais deu sinal de si.

## Frigideira de miolos

### SECÇÃO CHARADISTICA

Decifrações do n.º 10,

1—Ladeira. 2—Mariola. 3—Camarata. 4—Vilariño. 5—Passarinho. 6—Balada, glada. 7—Cova, ova. 8—Magua, agua. 9—Celeste. 10—Manuel da Encarnação. 11—Vila Velha de Rodão. 12—Os bolos não são para ti que és tolo.

1.º decifrador

Oinotna  
(Onze)

### CHARADAS

EM VERSO

(Retribuição á distinta charadista Celeste)

Não nota cara colega,—1

Que com a sua alusão,

Transformou a minha idéa,—5

Na mais funda gratidão?

Oinotna

EM FRASE

Este tecido é da mulher de sciencia—2-3

Santareno

E' delicada a pena pelo morto—2-1.

Santareno

Em casa oferece este salario—2-1.

Othos pretos

Aqui este instrumento com esta povoação cobre—1-1-2.

Riohet

E' grande no campo este apelido—1-2.

Riohet

### Electricas

A's direitas e ás avessas é um pronome—2

Othos pretos

Esta ave está na quinta—2.

Arjumar

### Truncadas

O apelido canta-se—3

Riohet

E' de louca este animal—2.

Othos pretos

### Enigmas

Por iniciais

N S D P V O H

1 1 1 1 2 1 2

Arjumar

### Maçada geografica

Formar o nome duma terra portuguesa com as letras da seguinte frase:

CAMELO CREIDE VALADOS

Art Souza

# Tipografia Caldense

DE

## José da Silva Dias

Rua José Malhõa, 5 a 11

**CALDAS DA RAINHA**

(CASA FUNDADA EM 1906)

Trabalhos tipograficos em todos os generos tais como: Revistas literarias e scientificas, placards prospectos, memoranduns, facturas, participações de casamento, obras de livros, mapas, etc.

### Trabalhos de luxo e de côres

SEMPRE EM DEPOSITO: Folhas agricolas, notas de expedição, guias de remessa, recibos de inscrições e coupons, para professores (renda de casa e expediente). Grande stock de impressos judiciaes

### Completo sortido em artigos de escritorio

Encarrega-se de todos os trabalhos de zincografia, galvanoplastia, fotogravura e carimbos de borracha

**Modicidade nos preços**

**Perfeição e rapidez**

### Bilhetes postais ilustrados

Com lindas colleções de fantasia e lindas vistas de Caldas, Obidos e Peniche

Esta casa recebeu ha pouco um completo sortido de tipos de fantasia e vinhetas modernas, podendo assim competir com outras casas suas congeneres

Officina de Encadernação anexa á Tipografia

Em cartão pergaminho pasta, linho de 1ª qualidade, marfim e bristol. — **ULTIMA NOVIDADE em tipos de fantasia e de fino gosto, exclusivamente para este genero de trabalho**

**Bilhetes de visita**